

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	8120
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—

16.º Anno — XVI Volume — N.º 527

11 DE AGOSTO DE 1893

Redacção — Atelier de Gravura Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Está despertando muito interesse e chamando muito as atenções do publico de Lisboa a exposição industrial portugueza que no dia 28 do mez passado — precisamente no dia em que terminámos a nossa ultima chronica, como n'essa mesma chronica notámos — se inaugurou no Museu Industrial e Commercial de Lisboa estabelecido no edificio dos Jeronymos, em Belem.

Tem seis annos de existencia esse museu, foi inaugurado no dia 28 de julho de 1887 e o seu illustre director, o nosso prezado amigo o sr. dr. Joaquim Tello, escolhendo igual dia do anno de 1893, para solememente inaugurar essa excellente exposição tão consoladora para nós todos portuguezes e que tanto honra a industria nacional, exposição de que elle foi iniciador e principal organisador, quiz para assim dizer sublinhar essa data tão auspiciosa para a nossa industria e para o nosso commercio, commemorar esse anniversario, com um acontecimento notavel para o nosso paiz.

A inauguração da exposição realiso-se com toda a solemnidade, estando presente El-Rei D. Carlos, o sr. infante D. Afonso, o sr. presidente do conselho, o sr. ministro das obras publicas, corpo diplomatico, jornalistas, industriaes, commerciantes, e todo o pessoal do Museu tendo á sua frente o seu director, o sr. dr. Tello que leu um bem elaborado relatório a que Sua Magestade respondeu n'um breve discurso, declarando inaugurada a Exposição.

Em seguida El-Rei acompanhado pelo ministro e pelo director do Museu andou visitando a exposição, que é deveras notavel e revela um importante progresso, como que um verdadeiro renascimento na Industria Portugueza.

As industrias já conhecidas em Portugal apresentam n'esta exposição sensivel melhoramento, e além d'essas apparecem nas vitrines bem cheias e bem dispostas da exposição, productos industriaes de fabricação nova no nosso paiz, como por exemplo artigos de quinquelheria, que até agora

eram exclusivamente importados da Alemanha e de França, jutas e *bourrettes* de soda, para estofos e reposteiros, coisa que até agora se não fabricava em Portugal, lanificios, tecidos d'algodão, perfumarias — outra verdadeira novidade da industria nacional — artigos de pharmacia, metalurgia, colchões d'arame, tubos de cobre, camas e moveis de marcenaria, artefactos de malha, *baquette* para molduras, etc.

A apresentação d'estas novas industrias, algumas das quizes já muito perfectas, a ponto de serem vendidas no mercado como estrangeiras — mercê da imbecillidade de alguns dos consumidores indigenas, que preferem os productos industriaes estrangeiros nos nacionaes, não por conhecerem que elles são melhores que os portuguezes, mas simples e unicamente por serem estrangeiros! — venhos mostrar as vantagens do proteccionismo, que ás industrias nacionaes se tem dado ultimamente, vantagens para aquellas que se tem creado ou tem progredido, desvantagem commercial d'esse proteccionismo em relação ás industrias, que não existem no nosso paiz ou que não se adaptam cá.

O illustre director do Museu e iniciador d'esta exposição teve ao promovel-a este intuito, como se vê do resumo dos motivos que o levaram a propo-la ao ministro.

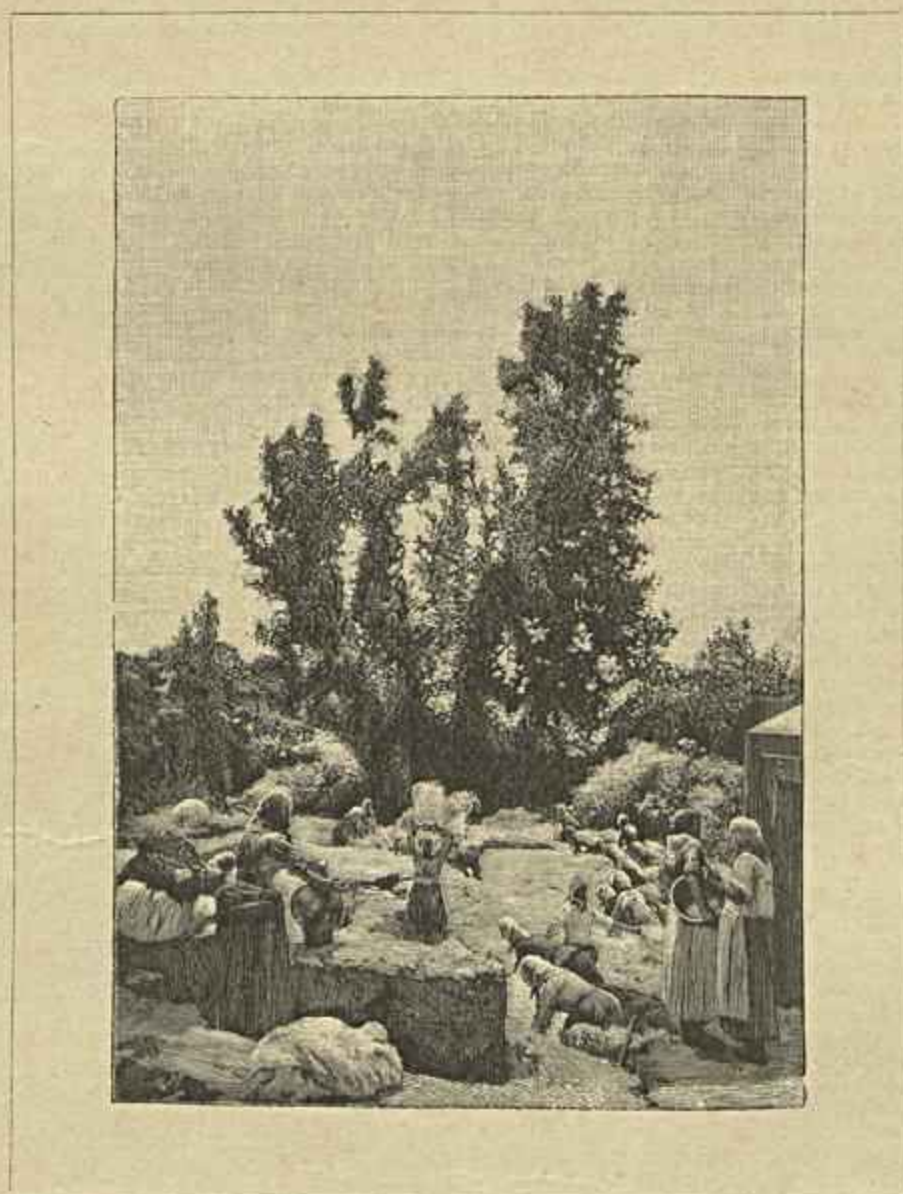
Esses motivos são:
1.º Apreciar a influencia das modificações pautaes, ultimamente estabelecidas para protecção das industrias nacionaes.

2.º Fornecer elementos para se estudar praticamente outras modificações aconselhadas n'esta exposição.

3.º Demonstrar ao consumidor que tem, fabricados no paiz, artefactos que competem com os similares estrangeiros.

4.º Desfazer o preconceito, felizmente quasi extinto, de que só o estrangeiro sabe produzir e inspirar no nosso industrial

EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



O RIO DAS FONTAINHAS (CANECAS) — QUADRO DO SR. CONDEIXA

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

confiança sufficiente para não mascarar os seus productos com arrebiques estrangeiros.

5.º Conhecer do adeantamento das nossas indústrias pela comparação com precedentes exposições.

Ora a Exposição actual prehenheu brilhantemente o seu fim e respondeu a todos esses quesitos, que ao propol-a ao ministro, se formularam no espirito esclarecido e lucido do seu illustre promotor.

A protecção pautal é excellente, é justificadissima, é indispensavel, mas sob a condição de recahir apenas sobre as indústrias que progridem effizadamente, que de dia a dia se aperfeioam, que fazem caminho entre nós e podem disputar primarias com as melhantes dos outros paizes, como muito bem nota, no esplendido relatório que precede o catalogo da exposição, o dr. Joaquim Tello.

É claro que adstrita á industria que não prosperou, que cá não se aclimatam, que não podem de fórma alguma competir com as similares estrangeiras, essa protecção de nada serve á industria nacional, agrava extraordinariamente o commercio e prejudica d'uma maneira sensível o consumidor sem proveito para ninguem.

N'estas exposições industriaes vê-se claramente e practicamente quaes as industriaes que podem aproveitar com o protecçionismo da pauta, quaes a que esse protecçionismo de nada serve.

Demonstrar ao consumidor que alguns dos artefactos nacionaes podem competir com os estrangeiros, inspirar ao industrial a confiança necessaria para não mascarar os seus productos a fingir estrangeiros, é de grande conveniencia e utilidade, é sobretudo de grande necessidade, porque apesar de todo o patriotismo que ha annos a esta parte se tem gasto em palavras, em rhetorica, muitos industriaes, para fazerem venda aos seus productos, tem que apresental-os como estrangeiros e no seu relatório o Dr. Tello cita dois exemplos, o do sr. conde de Refugio, que para lisongear o consumidor tem que sellar com marca ingleza as suas magnificas casimiras, e o do sr. Santos, habil perfumista, que para dar extracção aos seus productos, tem que os apresentar em frascos francezes, com etiquetas francezas, e transformar o seu nome de Santos em Mr. Sotnas!

Francamente é indispensavel que isto acabe, é indispensavel que este veggoso e ridiculo estrangeirismo do consumidor acabe d'uma vez para sempre, porque é uma verdadeira vergonha nacional.

Como se vê é grande a importancia da exposição industrial portugueza, exposição que se reporta apenas aos productos industriaes da circumscripção do sul; é grande pelo seu alcance patriótico, é grande pelo avultado numero de industriaes que a esse certamen concorrem e pela qualidade e belleza de muitos dos productos expostos.

Visitámos apenas uma vez, e em visita rapida essa exposição, que está excellentemente disposta, com uma elegancia, um fino tacto, uma delicada arte, que faz muita honra a todos aquelles que n'ella trabalham e principalmente ao seu organisador, o Dr. Tello, que lhe dedicou toda a sua solicitude, toda a sua alta illustração, subida intelligencia e brilhante criterio.

Voltaremos lá mais uma vez, porque uma das grandes qualidades d'essa exposição é não ter o aspecto maçudo e pesado vulgar n'estes trabalhos, attrahir as attentões encantando logo ao principio a vista, para depois nos encantar o espirito com a consoladora lição, que d'ella se tira e não nos dispensando de tornar a fallar d'ella, desde já registamos aqui, com todo o alto elogio que elles merecem, os nomes do Dr. Joaquim Tello, o director do museu e o promotor da Exposição, do conselheiro Bernardino Machado o illustre ministro que sancionou essa prosposta, os de Jeronymo Silva e Carlos Borges, conservadores do museu, que tanto trabalharam todos collectivamente para o bom exito d'essa importante exposição, exito que excedeu toda a expectativa.

Vimos já um pouco tarde para fallar do grande crime que ha dias alvoroçou toda a capital, que se apresentou com todo o aspecto mysterioso d'um capitulo bem urdido de romance sensacional, mas que por fim de contas cahiu rapidamente e justamente da attenção do publico porque atraz dos mysterios que pareciam envolvel-o não havia senão a colossal imbecilidade d'um criminoso phenomenalmente estúpido, porque esse crime que tinha as apparencias d'um prologo a *sensation* de Montépin, ou de Richebourg, ou de

Boisgobey não passou d'um capitulo da historia eterna e nunca assaz conhecida da estupidez e ferocidade humana.

Roubo de valores importantes, homicidio para encobrir o roubo: incendio para encobrir o homicidio, tudo isso parecia obra d'um fascinora celebre, d'um d'esses *virtuosos* do crime, que apparecem de vez em quando na scena do mundo para assombro do publico, para desespero da policia, que perde na pista d'elles todo o seu latim, para estudo dos criminologistas eruditos.

No fim de tudo não se tratava nada d'isso, tratava-se simplesmente d'um alcoolico sanguinario e idiota, d'uma estupidez, d'uma ferocidade e d'uma inhabilidade perfeitamente inverosimeis, d'uma creatura que para honra da humanidade marca excepção odiosa e repugnante nos factos da malvadez e da imbecilidade humana.

O ignobil heróe do crime da Lapa é uma triste figura de criminoso, que não vale sequer a tinta que com elle se gastou.

Triste figura elle proprio, e com elle triste figura fez tambem a policia de Lisboa, que em frente d'esse criminoso estúpido e inhabil deu a mais desgraçada prova da sua inhabilidade e incapacidade.

Desde o dia em que se descobriu o crime, se suspeitou, quasi que com certeza positiva quem era o criminoso, que fez todo o possivel, diga-se de passagem, para não deixar as mais ligeiras duvidas de que era elle o actor do crime.

Desde o dia em que se descobriu o crime, uma terça feira de manhã, que o commissario de policia sr. dr. Veiga expediu ordens a todos os agentes de policia para se prender o criminoso, de quem havia os mais precisos signaes; e n'esse mesmo dia, e no dia immediato o assassino andou passeando á vontade, sem pensar sequer em disfarçar, pelas ruas mais centraes de Lisboa, juntou em tabernas perto do Chiado, chegando mesmo a ir comer a uma taberna defronte do governo civil, andou dando cartas a moço de recados e esperando respostas em sitios certos e todos o viram menos a policia, e farto de andar em perfeita liberdade, sem que ninguem o incommodasse pelas ruas de Lisboa dois dias e duas noites, na quinta feira, alto dia, foi deitar-se a dormir no Campo Grande, em cima d'uma pedra, como que em exposição para quem quizesse vel-o.

Apesar d'isso a policia continuou a não o ver, a não dar por elle, e foi preciso que tres populares, que tinham lido os signaes d'elles nos jornaes, desconfiassem ser aquelle o criminoso, o accordassem, o interrogassem e fossem chamar a policia para que finalmente o homem fosse preso.

É deveras inconcebivel tudo isto e prova claramente a reforma immediata, urgentissima de que estão carecendo os serviços policiaes.

Se o criminoso fosse já não digo um bocadinho mais habil, bastava um bocadinho menos estúpido, o crime da Lapa ficaria impune.

A culpa não é evidentemente dos commissarios que são intelligentes, são habéis, são zelosos, e fazem tudo quanto em seu poder está para des-cobrir os criminosos: o mal não é da maneira como esse serviço é dirigido mas da maneira como esse serviço é executado. As cabeças que mandam podem ser boas, os braços que obedecem é que, como se provou agora, não prestam para nada, e impoem a necessidade d'uma remodelação completa e radical na organização policial, remodelação em que segundo nos consta está já trabalhando activamente o illustre ministro do reino. Que ella venha e breve, e completa, como é de esperar da alta capacidade do nobre estadista e o sr. conselheiro João Franco terá prestado ao paiz mais um relevantissimo serviço.

Gervasio Lobato.

BATALHA DO CABO MATAPAN

No seculo passado ainda a marinha portugueza conservava uns valiosos restos do seu antigo poderio, com os quaes castigava os inimigos e ajudava os alliados nas luctas por elles travadas contra os infieis. Tinhamos um poder respeitavel pela qualidade e quantidade de navios que possuíamos. Enviavamos as nossas esquadras aos mares do norte, ás travessias do Atlantico, ao Mediterraneo e ao extremo Oriente, comboyando e protegendo os numerosos navios de commercio que affluam ao porto de Lisboa, contra os insultos e ataques dos piratas, que de Tunis, de Argel e de Marrocos partiam a dar caça ás embarcações que de regresso do Brazil e da India vinham carregadas de rendosas mercadorias. Concorriamos com as marinhas de outras nações

a resolver muitas questões que então se debatiam na Europa, e prestavamos o nosso auxilio e socorro aos que o solicitavam para dirimir contendas que se travavam no mar.

No reinado de D. João V, — para nos limitarmos ao periodo durante o qual se deu o facto a que nos vamos referir, — dispunhamos ainda de uma força naval importante. Succediam-se as construcções de navios com uma actividade que hoje nos parece inverosimil; e se fossemos mais cuidadosos em archivar datas e formular estatisticas, mais assombrosa nos pareceria essa actividade que as poucas noticias e notas que possuímos, colhidas na sua maioria pelo meretissimo investigador das coisas de marinha, o fallecido contra-almirante Joaquim Pedro Celestino Soares, nos mostram ter havido.

Durante aquelle reinado podemos apontar a existencia de trinta e duas naus e desenove fragatas, com um numero de bocças de fogo superior a 2:500, além de muitos outros navios de menor lotação, que decerto os havia, mas de que não podemos designar o numero por nos faltarem dados que nos guiem e illicidem.

Cedendo ás solicitações do papa Clemente XI, mandou D. João V uma esquadra em socorro dos venezianos contra a grande armada turca que infestava as aguas do Mediterraneo. Esta esquadra sahiu de Lisboa em 5 de setembro de 1716, voltando pouco depois ao reino sem ter, por diferentes eventualidades, avistado os turcos.

No anno seguinte, porém, nova esquadra se aprestou para o mesmo fim composta dos seguintes navios:

Nau *Nossa Senhora da Conceição*, a bordo da qual ia o conde do Rio Grande, Lopo Furtado da Mendonça, almirante da armada real, por cujo cargo içava a bandeira redonda no mastro do traquete.

Nau *Nossa Senhora do Pilar*, em que ia o conde de S. Vicente, Manuel Carlos de Tavora, sargento-mór de batalha do mar, e içava a bandeira redonda no mastro de mezena.

Nau *Nossa Senhora da Assumpção*, do commando de Pedro de Sousa Castello Branco, coronel do regimento da armada e fiscal da esquadra. Levava a bandeira farpada no mastro de mezena.

Nau *Nossa Senhora das Necessidades*, commandada pelo capitão de mar e guerra Gillet ou Borage.

Nau *Santa Rosa*, do commando do capitão de mar e guerra João Baptista Rolhano.

Fragata *Rainha dos Anjos*, commandada pelo capitão de mar e guerra João Pereira d'Avila.

Fragata *S. Lourenço*, commandante o capitão de mar e guerra Bartholomeu Freire.

Acompanhavam estes navios mais dois burletes, uma tartana e um transporte com mantimentos e sobressalentes.

Levantou ferro esta esquadra no dia 25 de abril de 1717 indo fundear na enseada de Paço d'Arcos, aspirando vento de feição a deitar fóra da barra, o que realiso a 28, fazendo derrota para o estreito de Gibraltar que passou em a noite de 2 de Maio.

Continuando a sua navegação pelo Mediterraneo, passou no dia 10 á vista de Alicante, a 12 pelas ilhas de Iviça e Formentaria, a 19 pela Sardenha, estando em 21 á vista da Sicilia onde chegou a 24 fundeando em Palermo. Visitou em seguida Messina e as ilhas do Corfú e de Zante afim de se reunir aos navios alliados de Veneza, de Florença, de Malta e do Papa, formando assim um conjunto de força a poder luctar com a poderosa armada turca.

Reunidos todos os navios, formou-se conselho a bordo da capitania de Veneza e resolveu se ir ao encontro da armada inimiga que constava andar proxima. Fez-se de vela toda a esquadra, e navegando na direcção que, segundo um aviso recebido, deviam estar os turcos, avistaram-os a 4 de julho perto do Cabo de Santo Angelo.

Era commandante em chefe de toda a esquadra alliada, por nomeação do Pontifice, o tenente general da armada franceza Mr. de Belfontaine, que içava a respectiva insignia em a nau de Malta *Santa Catharina*.

Durante dias andaram as esquadras em evoluções; mas os turcos foram successivamente distanciando-se até se perderem de vista.

A esquadra alliada, porque lhe escasseasse a agua e faltasse lenha, procurou a enseada de Passavia, para se abastecer, e n'ella fundeou.

No dia 18 teve noticia de que os turcos se aproximavam, e ao amanhecer do dia 19 fez-se de vela, estando já á vista a armada inimiga composta de 54 navios, que fechavam a enseada com a sua extensa linha de batalha, forçando os alliados a sustentarem alli, com grande desvantagem,

o combate que os turcos começaram com violento fogo.

A esquadra aliada compunha-se, ao todo, de 35 naus e fragatas, porque os navios menores e as galés se conservaram no interior da enseada á sombra dos navios de maior lotação, procurando estes organizar a sua linha de batalha que, por falta de vento, com difficuldade formaram pela ordem seguinte:

- 1.º *Madona del Arsenal*—capitania de Veneza.
- 2.º *Constanza*.
- 3.º *Triunfo*.
- 4.º *Leon trionfante*.
- 5.º *S. Francisco*.
- 6.º *Aquila Valera*.
- 7.º *Fenice*.
- 8.º *Santo Andrea*.
- 9.º *Gloria Veneta*.
- 10.º *San Laurentio*.
- 11.º *San Pietro*.
- 12.º *Aguileta*.
- 13.º *Terror*.
- 14.º *Neptuno*.
- 15.º *Fede*.
- 16.º *Corona*.
- 17.º *Salute*.
- 18.º *S. Pio V*.
- 19.º *Sacra Vega*.
- 20.º *Vallor*.
- 21.º *S. Caetano*.
- 22.º *Rosa*.
- 23.º *S. Lourenço* — portugueza.
- 24.º *Colombo*.
- 25.º *Grande Alexandro*.
- 26.º *Venetia*.
- 27.º *S. Raymundo* — de Malta.
- 28.º *Fortuna Guerreira*.
- 29.º *Rainha dos Anjos* — portugueza.
- 30.º *Nossa Senhora das Necessidades* — portugueza.
- 31.º *Santa Catharina* — de Malta, navio chefe onde ia o general Belfontaine.
- 32.º *Nossa Senhora do Pilar* — portugueza.
- 33.º *Santa Rosa* — portugueza.
- 34.º *Nossa Senhora da Conceição* — capitania portugueza.
- 35.º *Nossa Senhora da Assumpção* — portugueza.

Como se vê, os navios portuguezes occupavam o extremo da linha.

Encetado o combate, responderam os alliados ao fogo dos turcos com todo o vigor e com a maior coragem, procurando, apesar da má posição em que se encontravam, vencer os inimigos e aniquillar a sua poderosa armada, o que decerto conseguiriam, se pouco depois de começar a batalha, e contra a expectativa dos nossos venezianos, que eram os primeiros da linha, com a sua capitania á frente, não tivessem abandonado o combate, retirando-se para dentro da bahia onde corriam menos perigo, deixando em frente de toda a armada turca os navios portuguezes, as naus de Malta e apenas uma das suas naus, a *Fortuna Guerreira*, que os não acompanhou na retirada, carregando sobre estes navios toda a força do ataque dos turcos. Pouco depois as naus de Malta, imitavam os venezianos, retirando-se tambem para o interior da bahia com o seu general Belfontaine, deixando então sós os navios portuguezes e a já referida nau de Veneza que tão denodadamente se estavam batendo com os inimigos.

A extraordinaria resolução dos nossos alliados retirando-se, deixou em eminente perigo os navios portuguezes, e tornou muito duvidoso o resultado da lucta. A qualidade e grandesa dos navios que compunham a armada turca, cuja capitania era de tres baterias; a posição desvantajosa em que se encontravam os navios portuguezes em relação aos seus inimigos, as avarias que já tinham soffrido, e o seu limitado numero em presença de mais de cincoenta navios que os atacavam, tudo se juntava a incutir um justificado receio e a aconselhar uma prudente retirada. Não foi porém esta a idea que assaltou o espirito dos portuguezes; antes se pouparam para uma lucta desesperada, confiados na sua pericia de guerreiros. Era uma temeridade que practicavam continuando o combate em tão desvantajosas condições; mas não estava no seu animo virar as costas ao inimigo, nem era do seu brio fugir ao perigo.

Continuou pois o fogo com todo o vigor, quer da parte dos turcos que viam tão poucos inimigos para combater, como da parte dos portuguezes a quem o augmento do perigo mais obrigava a actos de valor.

Os venezianos ainda lançaram um burlote incendiado para o meio da armada inimiga, mas sem resultado, porque os turcos puderam desviar-

se e evitar que o incendio se communicasse aos seus navios.

A nossa nau *Pilar* era a mais procurada pelos inimigos que com dez das suas naus a batiam. E vendo o Conde do Rio Grande o eminente perigo a que estava exposto aquelle navio a cuja popa elle estava na nau *Conceição*, resolveu, com grave risco e notavel valor, metter-se entre elle e os navios inimigos, o que realisoou tão denodadamente, atacando com tal vigor as naus turcas já avariadas, e batendo-as com um fogo tão certo, que a um signal da capitania turca, toda a sua armada se reuniu e manobrando convenientemente, abandonou a peleja, deixando a victoria aos portuguezes.

Estava praticado um grande feito e ganha uma batalha com tanta gloria para nós que o Pontifice ao ter conhecimento do resultado da lucta e do procedimento dos nossos, enviou ao almirante Conde do Rio Grande a seguinte honrosa carta que é um valioso documento para attestar o valor dos portuguezes e o bom serviço prestado pela nossa esquadra á causa que defendiam.

Eis a carta pontificia:

«Clemente P. XI.

«Amado filho, e illustre heroe, saude e apostolica benção. Como quer que a mim fosse patente por cartas de muitos, e porque tambem vocalmente fui muito bem inteirado de que vós, principalmente pela vossa nobresa, como tambem a vosso exemplo todos os mais capitães e soldados das guerreiras naus, mandadas pelo nosso filho, muito em Christo, João, rei de Portugal e dos Algarves, e committidos á vossa fé e illustre prudencia, ha pouco no mar de Morea, pelejassem com tanta fortaleza e esforço, que foram obrigados os barbaros a retirar-se, os quaes intentavam fazer guerra nas terras e ilhas christãs, mas principalmente por causa da vossa constancia; e porém, como o mesmo preclaro successo a vós principalmente; e por nossa deprecação o memoravel rei de Portugal pela sua insigne piedade, esforçou a armada christã com este novo, e na verdade mui avantajado socorro, por isso julgamos ser justo que o amado filho Affonso de Noronha, o qual enviastes, o deixassemos tornar a vós com este illustre testemunho das nossas letras, nas quaes vos damos um devido e bem merecido louvor, e aquella gloria tão solida, e que sempre hade permanecer em vós, que alcançastes no conflicto; esta mesma vos enviamos em signal de gratulação, e ao mesmo filho Affonso mandámos entregar umas contas de heliotropio jaspe oriental, enriquecidas com os thesouros sagrados das indulgencias, juntamente com um papel impresso, em o qual as mesmas sagradas indulgencias estão escriptas, para que em nosso nome vos entregasse. Porém como esteja chegado o tempo de recolherdes á esquadra memoravel dos vossos navios para as patrias regiões, com todo o coração ficamos pedindo áquelle a quem o mar e os ventos obdecem, como a vos obdecerao no conflicto vos abra feliz e santo caminho assim a vós como aos mais capitães e soldados. Com muito amor lançamos o nossa benção apostolica. Dada em Roma, em Santa Maria Maior, debaixo do annel do pescador, aos 16 de setembro de 1717. — João Christovão, arcebispo.

«A Lopo Fortado de Mendonça, Conde do Rio Grande e general da armada de Portugal.»

A bordo dos navios portuguezes houve 80 homens mortos incluindo um capitão de mar e guerra, e 120 feridos. Soube-se que os turcos tiveram entre mortos e feridos uns 2:000 homens.

Os nossos navios soffreram bastantes avarias, e só a nau *Pilar* recebeu no seu costado mais de 100 ballas.

Os portuguezes passaram a noite na faina de deitar os mortos ao mar e do tratamento dos feridos dos quaes a maior parte morreu.

As avarias soffridas pelos turcos foram grandes, como se deprehende da sua retirada, e na sua armada faltavam, depois da batalha alguns navios, constando que um tinha ido a pique e outro se incendiara.

Nos dias 20 e 21 ainda se avistavam os navios turcos; e ao amanhecer d'este ultimo dia, porque o vento se declarou favoravel, deitaram os nossos navios para o mar, apesar das avarias recebidas, com a intenção de recommear o ataque, pois os turcos estavam em calma e agarrados á terra, e por isso mal poderiam aproveitar com vantagem as suas forças; mas os navios alliados dos portuguezes continuaram dentro da bahia não os acompanhando n'esta resolução, despresando assim o ensejo que se offerencia para se tentar o completo aniquilamento do grande poder naval dos turcos. Ao anoitecer d'esse dia já os inimigos se tinham perdido de vista.

A esquadra portugueza conservou-se naquellas paragens por pedido dos almirantes de Veneza e do Papa, até ao dia 15 de Agosto, em que o conde do Rio Grande resolveu retirar, navegando para o porto de Messina onde chegou a 24.

Recebidos allí os portuguezes com grandes distincções, pelos feitos praticados, houve grande concorrência de visitantes a bordo dos navios a vêr os destroços que tinham soffrido, e as gazetas da cidade publicaram a relação da batalha acompanhando-a de justos louvores aos portuguezes. O conde do Rio Grande, porém, pediu ás auctoridades que não deixassem correr a relação, que deprimia os venezianos, e sendo attendido este pedido proprio do cavalheirismo de um fidalgo portuguez, foi prohibida a venda e recolhidos os exemplares publicados.

A esquadra, enquanto esteve em Messina, prestou ainda serviços, e entre elles, o de fornecer gente para conduzir de Regio uma nau venoziana cuja guarnição se tinha revoltado, indo a esta diligencia a nau *Necessidades* com uma companhia de granadeiros. Os portuguezes guarneceram a nau que trouxeram para Messina.

Depois das festas que allí se realisaram em honra dos vencedores, voltou a esquadra ao reino, sahindo de Messina em 2 de Outubro e entrando a barra de Lisboa pela manhã de 6 de Novembro fundeando n'esse dia em Belem e vindo no seguinte rio acima tomar as respectivas amarrações.

É o glorioso facto que acabamos de narrar, que constitue o assumpto do quadro reproduzido pela nossa gravura.

O episodio escolhido para a pintura é aquelle em que o conde do Rio Grande na nau *Conceição* vai resolute collocar-se com grave risco entre os turcos e a nau *Pilar* afim do defender este navio do vigoroso ataque de dez naus inimigas que, como dissemos, o batiam.

SIÃO

O CONFLICTO FRANCO-SIAMEZ

Nos principios de julho ultimo levantou-se um sério conflicto entre a França e o reino de Sião, que deu que fazer á diplomacia dos dois paizes, assumindo grande gravidade, e a que não foi extranho o gabinete de Londres.

Este conflicto despertou as attentões de toda a Europa e a imprensa de todos os paizes se tem occupado d'elle, chegando a receiar, que a Inglaterra tivesse de intervir muito principalmente quando a França deliberou fazer o bloqueio da costa de Sião.

A origem d'este conflicto provem, que tendo a Inglaterra assegurado-se ha tempo do caminho da China pela margem direita do Mekong, a França quer tambem assegurar um caminho paralelo áquelle pela margem esquerda, e para o conseguir arranhou um pretexto.

E' conhecido o protectorado que a França exerce no Aman e Cambodge, paizes que confinam com as fronteiras de Sião. N'estas fronteiras existem umas tribus que vivem n'uma certa independencia, independencia que tanto tem sido disputada por Sião como pelo Aman e Cambodge.

Nos ultimos tempos Sião tratou mais activamente de reduzir á obediencia aquellas tribus, e a França fundando-se no protectorado que exerce no Aman e Cambodge, protestou declarando que aquelle protectorado se estende até o valle do Mekong e do Cambodge até á peninsula de Soenit.

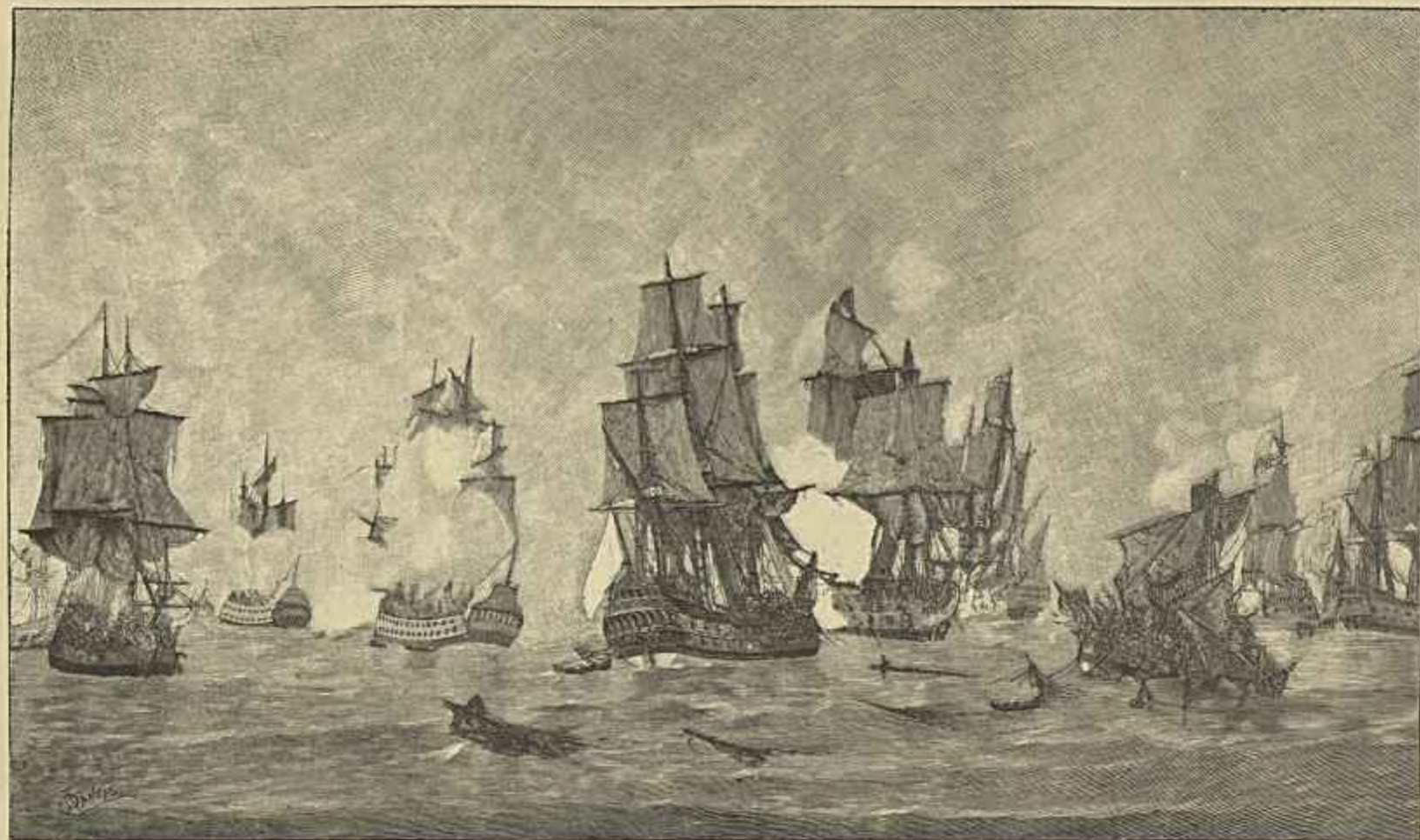
A França acompanhou o seu protesto com uma esquadilha que enviou ás aguas de Sião, encarregada de apoiar as suas reclamações diplomaticas.

Quando menos se esperava o commandante da esquadilha, não attendendo ás ordens do governo francez, nem ás do ministro da França em Sião e ainda menos ao convenio de 1856, forçou a entrada do Mekong, o que obrigou os siamezes a romperem fogo contra a esquadilha franceza, e tanto bastou para se encontrar o que se precuava: um rompimento entre os dois paizes.

O governo francez confessou que o commandante da esquadilha, o almirante Human, desobedecera ás ordens que lhe tinha dado, assim como violara o convenio de 1856, mas que da parte dos siamezes houvera precipitação em fazer fogo, sem saberem quaes as intenções do governo francez!

Esta theoria é extraordinaria e só para ser usada com as nações pequenas ou fracas, o que bem mostra que, apesar de todos os progressos da ci-

EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»



A BATALHA DO CABO MATAPAN

QUADRO DO SR. JOÃO DANTAS PREMIADO COM MEDALHA DE 3.ª CLASSE E ADQUIRIDO POR S. Magestade EL-REI D. CARLOS.

(Desenho do mesmo auctor)

SIÃO — O CONFLICTO FRANCO-SIAMEZ



SONDRECHT-PHRA, REI DE SIÃO

vilização, o direito da força ainda prevalece contra todas as razões.

A França resolveu imediatamente estabelecer o bloqueio da costa de Sião, e preparar-se para fazer um desembarque se tanto fosse preciso.

A Inglaterra, apesar de não ver com bons olhos este procedimento da França contrario aos interesses inglezes, conservou-se na expectativa, e a imprensa ingleza não deixou de apoiar a França, dizendo que devia proseguir n'aquella linha de conducta.

São admiráveis estes inglezes

Alem do bloqueio a França formulou imediatamente um *ultimatum* que enviou ao seu representante em Bang-Kok para o apresentar ao governo de Sião, e que é o seguinte:

1.º Reconhecimento dos direitos do Amam e do Cambodge sobre a margem esquerda do rio Mekong e sobre as ilhas.

2.º Evacuação em um mez dos fortes occupados pelos siamezes sobre aquella margem.

3.º Satisfação para as diversas aggressões contra os navios e os marinheiros francezes no Meinam.

4.º Castigo dos culpados e indemnisações pecuniarias ás familias das victimas.

5.º Indemnisação de dois milhões de francos a titulo de perdas e damnos inflingidos a nacionaes francezes.

6.º Deposito immediato de tres milhões de francos em piastras para a execução dos artigos 4.º e 5.º, ou como alternativa a percepção dos rendimentos das provincias de Battambun e de Anakou.

Contra a força não ha resistencia, e o governo de Sião teve de aceitar o *ultimatum*, sujeitando-se a todas as imposições da França.

Estava conseguido o fim, os meios pouco importava.

Sião é um paiz quasi phantastico pelos seus costumes. Occupa uma extensão de oitocentos mil metros quadrados na margem sul do Golfo de Sião confinando pelo norte, leste e oeste com o imperio Birman, com a China e o Amam. Possui actualmente uns nove milhões de habitantes dos quaes apenas a quarta parte é de verdadeiros siamezes sendo o restante chinezes, malaios, anamitas, peguanos, etc.

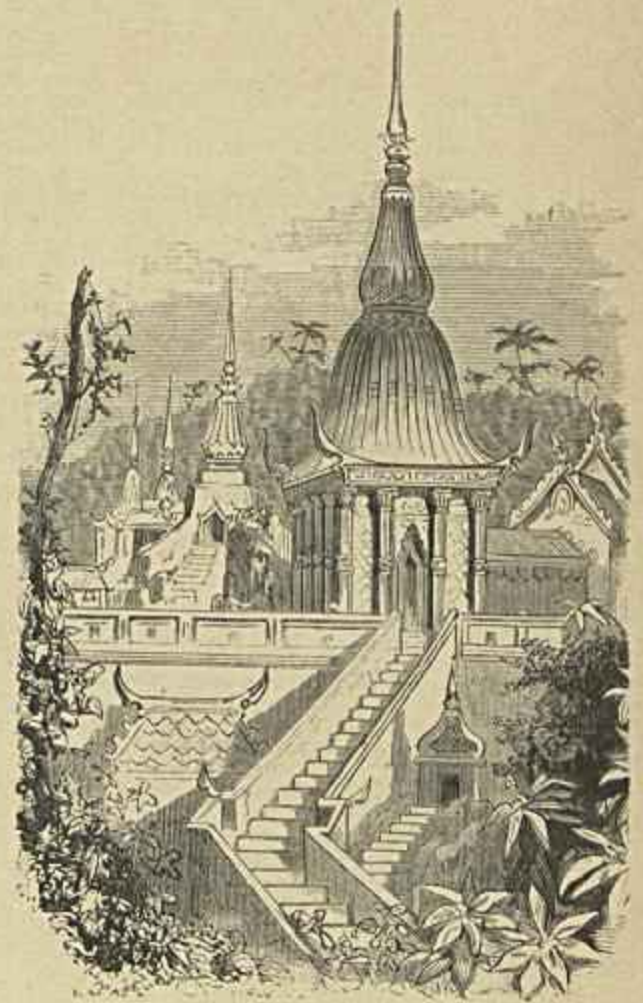
A indole geral d'este povo é boa e pacifica. O estado da sua civilização parece ter estacionado na idade media.

O rei de Sião chama-se Sondrecht-Phra-Paramend-Maha-Shulalon-Kord. Nasceu a 21 de setembro de 1853 e subiu ao throno com 15 annos de idade, sendo o quinto rei da sua dynastia. Seu pae o rei Mongkut, era um sabio e dirigiu a educação do filho auxiliado por uma professora ingleza. Entre os conselhos que deu ao seu herdeiro conta-se o seguinte: — Ama os francezes, porque é um povo de grande valor, mas conserva-os sempre o mais afastados possível.

Os ultimos acontecimentos dão razão a Mongkut.

Na corte de Sião tem sempre occupado altos cargos alguns europeus, assim já teve um general francez que era cosinheiro de um navio, e se chamava Lamache. Actualmente o rei tem dois favoritos francezes, Mr. Rolin Jaquemyns que é ministro dos negocios estrangeiros, e Armand du Plessès de Richelieu, que se inculca parente do grande cardeal.

Ha em Sião um corpo militar de amazonas, composto de duzentas virgens, que são mais formosas que temiveis. O exercito compõe-se de uns 12:000 homens com officiaes europeus. A sua



MOSTEIRO BUDHISTA EM PHARABAT

marinha de guerra conta duas corvetas de 2:000 toneladas, com oito bocas de fogo cada uma; um bergantin, tres canhoneiras de primeira classe, quatro de segunda, dois hyacts, dois vapores e um cruzador.

Já se vê a grande desproporção que ha entre a força armada de Sião e as imposições da França.

Bang-Kock, que é a capital do reino, é a Veneza da Asia, cortada de rios em todas as direcções, onde navegam centenas de gondolas e juncos tripulados por chinezes. Os edificios da cidade, como os de todo o paiz, são de forma completamente original, construidos de tijolo cobertos de porcelanas e telhas envernizadas e douradas, o que junto á forma das edificações lhes dá um as-



PAGODE EM AJUTHIA



UMA VISTA DE BANG-KOK

pecto extremamente original e phantastico, de um paiz de fadas.

A religião dos siamezes é a de Budh, que elles seguem sem fanatismo, respeitando os outros cultos, de que ha liberdade no seu paiz.

O pagode de Ajuthia é um dos melhores do seu paiz, assim como o mosteiro Buddhista de Phrabat.

As suas maiores divindades são os elephantes brancos. O mais velho d'estes animaes representa o proprio Buddh na terra e é coberto das maiores riquezas em ouro e pedrarias. É elle que todos os dias, á porta do pagode, chama o povo á oração, e todas as questões graves do Estado são resolvidas na sua presença.

Os portuguezes conheceram e visitaram este paiz, primeiro que outro qualquer povo da Europa e ainda no presente seculo um portuguez Paschoal Ribeiro de Albergaria foi ali general de artilheria.

A EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

(Continuado do n.º 524)

Occupemo nos agora das obras que o sr. Ernesto Condeixa apresenta n'esta exposição.

São cinco os quadros que o sr. Condeixa expõe principiando pelo seu retrato, de um desenho e pintura bastante atormentado. Conhece o sr. Condeixa os processos de pintura como poucos dos nossos artistas, pois teve boa escola e aprendeu bem, mas como em pintura não basta saber cobrir uma tela e empastar tinta, acontece que os seus quadros nem sempre resistem vaitajosamente á critica artistica, porque tanto no desenho como na perspectiva fraquejam por vezes.

O seu retrato, por exemplo, deve ter lhe dado muito trabalho como pintura, para conseguir muito pouco como arte.

O rio das Fontainhas, uma paisagem de Caneças já em tempo explorada pelo fallecido pintor Annuniação, é um quadro de vivo colorido á luz de pleno sol, que á primeira vista nos deslumbra, mas que analysado friamente se reconhecem algumas incorrecções na perspectiva, como a falta de relação prospectica que ha entre as figuras do primeiro plano e as do ultimo, além do ponto de vista da paisagem ser bastante desfavoravel para o bom effeito do quadro.

Ainda assim este quadro é bem melhor que os seus dois quadros *Jogando o diabrete e Uma tarefa*, que á primeira vista duvidámos serem do sr. Condeixa, tal foi a deploravel impressão que nos fizeram. As duas crianças que jogam o diabrete são de um desenho que deixa muito a desejar.

Sem intenção, sem vida, sem expressão, mal se ajeitando as figuras com os accessorios, todos em guerra com a prespectiva, estes quadros foram necessariamente pintados em hora infeliz, se attendermos a que o sr. Condeixa tem apresentado obras de merecimento real.

O melhor quadro que o sr. Condeixa expõe, no nosso entender, é *As Fontainhas ao cair da tarde*. Achamos o tom muito justo realizando bem o effeito de luz, o que nos faz preferir os seus quadros de paisagem aos seus quadros de genero.

Apparece n'esta exposição um artista que melhor podemos considerar um amator, pela raridade com que vem a publico com as suas obras.

É o sr. João Dantas, pintor de marinhas muito consciencioso e que nos poucos quadros que lhe conhecemos, em todos affirma estudo sério no rigorismo com que desenha as suas composições de navios.

O quadro que expõe é dos maiores que se vêem na exposição e representa uma reconstrução historica de alto valor para os fastos da marinha portugueza como foi a *Batalha do Cabo Matapan*.

O que esta batalha foi de gloriosa para a armada de Portugal, n'outro lugar d'este periodico se descreve em artigo especial e por isso aqui nos limitamos á apreciação da obra d'arte.

Tem este quadro qualidades apreciaveis se attendermos especialmente ao rigor historico, o que representa um trabalho sério de investigação, nos escassos elementos que ha para estas e outras reconstruções historicas. O mesmo podemos dizer com respeito ao perfeito conhecimento com que estão desenhados os navios e as suas posições em linha de combate.

A composição é, pouco animada tem mesmo uma frieza que arrefece o entusiasmo que uma scena d'aquellas devia despertar no espectador, mas estes senões são consequencia do temperamento do artista e da sua escola notando se no

quadro uma certa dureza, filha, talvez, da extrema preocupação do auctor em querer caracterizar bem os navios, como se elles fossem photographados.

É o perigo que tem o querer desenhar e pintar com a mais severa minuciosidade todos os promenores.

Cae-se fatalmente na dureza, por melhor que o artista saiba pôr a tinta sobre a tela, e é isto que faz perder uma boa parte do effeito que este apreciavel quadro devia ter.

Estamos certos que se o sr. Dantas, em vez de fazer estas obras quasi por diletantismo, se entregasse á pintura com mais assiduidade, n'uma mais vasta cultura da arte, estes defeitos desapareceriam dos seus quadros, e teriamos a grande satisfação de admirarmos um maior numero de quadros historicos das nossas glorias maritimas, genero que infelizmente não tem sido cultivado, e para o qual o sr. Dantas tanta capacidade mostra ter n'este seu quadro da *Batalha do Cabo Matapan*.

Mesmo lá fóra onde ha tantos artistas pintores de superior merecimento, são raros os quadros d'este genero que apparecem nas exposições, e por isso mais razões temos para applaudir o que apparece agora no nosso pequeno meio artistico.

Este quadro foi premiado com uma 3.ª medalha e adquirido por Sua Magestade El-Rei D. Carlos.

Assim devia ser para estimulo de novos emprehendimentos, tanto mais em Portugal, cuja historia tanto abunda em factos gloriosos da sua marinha.

(Continúa)

Xylographo.



AS NOSSAS GRAVURAS

MARGENS DO DOURO — CAMINHO DA FOZ

Por mais de uma vez nos temos referido ás bellezas d'este formoso rio do norte de Portugal. As suas margens alcantiladas offerecem uma agradável vista por que são, em grande parte, cultivadas e matisadas por bonitas casinhas campestres e varias aldeias.

É o Douro um rio cujo leito apertadissimo dá lugar a frequentes enchentes, algumas das quaes tem sido notaveis pois que em poucos minutos o rio tem subido, acima do nivel ordinario, oito, dez e mais metros. Em alguns pontos a agua precipita-se produzindo formosas cascatas.

Apezar d'estes inconvenientes o rio Douro é constantemente sulcado por innumeros barcos de varias especies que se dirigem para a cidade do Porto e vice versa.

Tem cento e oitenta kilometros, navegaveis, mas a corrente é rapida e difficulta bastante a navegação e mesmo a torna perigosa.

Desde Orbion até S. João da Foz tem este rio oitocentos e setenta kilometros de curso.

É atravessado por diversas pontes, sobresahindo a ponte de D. Maria Pia.

Representa, pois, a nossa gravura, o caminho para a Foz. Como se vê da estampa, o caminho é bordado por frondosas arvores, e banhado pelas aguas limpidas do vasto rio.

E, se, o passeiante, não quizer ir, n'um barco rio abaixo até á Foz, nem a pé, pela margem caminhando á sombra do arvoredo; mette-se no carro americano, que por uma insignificante quantia o transporta a S. João da Foz.

A INDUSTRIA DAS RENDAS

AO III.º EX.º Sr. Dr. Jayme Mauperrin Santos

VI

Ainda as rendas de Peniche — O desembaraço das rendeiras — Epoca de florescimento — A escola de Peniche — A escola de Lisboa.

As rendas de Peniche são tidas como as melhores que se fabricam em Portugal, tanto que, em 1878, na exposição universal de Paris, o livro de Clovis Lamarre e Jorge Lamy dizia:

«As rendas de Peniche, expostas, são as mais notaveis da exposição portugueza.» Este mesmo

livro, n'uma nota, observava que «as mulheres que fazem os desenhos das rendas de Peniche ignoram absolutamente a arte de desenhar. E todavia produzem maravilhas.»

As rendeiras de Peniche são tidas como as mais desembaraçadas e como as que melhor manejam quantidades enormes de bilros, chegando ás vezes — e não é raro — a trabalhar com oitenta duzias.

Para prova de quanto esta facilidade é admirada, transcrevemos as seguintes linhas do livro de Eduardo Coelho, *Passeios no estrangeiro*:

«Quando em Bruxellas nos apresentaram, como cousa rara, uma operaria que trabalhava com 200 bilros, e que nós observámos:

— «É notavel, mas uma das operarias de um dos nossos centros productores de rendas, Peniche, que expoz em Philadelphia os seus productos, trabalhava com mais alguns, 19 duzias, 228 bilros!

«Observaram-nos admirados:

— «Pois é possível? E saem rendas tão perfeitas e delicadas como estas?

— «A delicadeza do trabalho chega por vezes a competir com este. A belleza, não; falta-lhes um desenho gracioso e imaginoso.

«Falta o ensino profissional ás rendeiras de Peniche para ellas competirem com Bruxellas e Alençon. Falta a arte nas nossas industrias.

«A renda de Bruxellas sobre que se discutia era um bocado de um centimetro quadrado, destinado á tunica d'um riquissimo vestido de baile a qual era toda formada por bocados d'estes reunidos ao depois, levando cada um d'elles, a fazer a uma operaria quatro a cinco semanas, tudo para ser ás vezes destruido n'um instante — o suor e a gloria de cem operarias — no redemoinhar de um *collon*!»

Estas rendas, de Peniche, eram exportadas em larga escala para Lisboa e outras terras, e ainda grande quantidade para o Brazil, onde eram vendidas como rendas d'Alençon, e para a Inglaterra aonde eram mais conhecidas, com o nome de rendas de Peniche, do que no proprio reino portuguez.

Segundo se conta, Peniche teve uma epoca em que as suas rendas atingiram uma alta perfeição: estrutura, factura e desenho imitativas das rendas de Malines. Attribue-se a que, em 1836, estando governador n'aquella praça o conde de Casal, sua esposa, comprehendeu, ao ver as rendas grosseiras da epoca, que alguma cousa de melhor se podia fazer. Mandou vir linhas especiaes, e um engenheiro, tambem ali de serviço, fez varios desenhos imitando os de Malines.

D'esta epoca florescente, das rendas de Peniche, vimos nós alguns exemplares que em pouco — ou mesmo nada — cediam ás verdadeiras Malines.

Depois, começou decahindo esta industria, até que, em setembro de 1887, o conselheiro Emygdio Navarro, creou a escola de rendas, em Peniche, sendo então nomeada directora a Ex.ª Sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que, em poucos mezes, deu um forte impulso ao ensino do fabrico, usando melhores linhas e desenhando novos piques, fazendo o mais possível por tornal-os caracteristicos.

De tal modo se houve, a illustre senhora, que, na exposição universal de Paris, em 1889, obtiveram as rendas da escola de Peniche, medalha d'ouro.

Ahí, as rendas, distinguem-se pela originalidade do desenho e pela belleza da factura, pois que algumas rendas representavam conchas, peixes, buzios, etc., objectos que nunca lembrára copiar, n'este tecido, quasi sempre manufacturado nas praias.

Tinha a escola umas vinte e cinco raparigas a quem o governo dava um certo salario e actualmente faz compartilhar as rendeiras no producto da venda, e, ainda lhes dá no fim do anno um premio pecuniario, isto além do salario já estabelecido que orça de cem a trezentos reis. As horas de trabalho, na escola, não excedem a quatro. Portanto se vê quantas vantagens, além da do ensino, offerece a escola.

Ha dois annos, foi proposto á distincta directora o continuar no seu logar, mas, com a condição de residir em Peniche.

Isto, não poude ser accete pela illustre artista, que se demittiu. Ficou sendo substituida interinamente por uma outra senhora, antiga ajudante da ex.ª directora demissionaria, a Ex.ª Sr.ª D. Ethelvina da Assumpção, que tem mantido, o mais possível, os adiantamentos alcançados e podem vêr-se na Exposição Industrial, nos Jeronymos, os progressos feitos pela escola de Peniche.

E tambem se pôde vêr esses progressos no album de padrões de rendas, relativos ao anno de 1893, o qual contém desenhos caracteristicos portuguezes, taes como: o gothico florido (manuelino), de rendas já feitas.

Este album é destinado ao estrangeiro e os dois exemplares que possuímos, foram-nos offerecidos pelo inspector das escolas da circumscripção do sul, o distincto escriptor, sr. Luciano Cordeiro, cavalheiro a quem a industria das rendas, em Portugal, muito deve, já pela iniciativa, já pelos esforços que tem envidado.

O curso de rendeira, n'esta escola, é composto por cinco annos, dispostos pela maneira seguinte, segundo o respectivo programma official:

CURSO DE RENEIRA

- 1.º ANNO. — 1.ª classe (preparatoria) de desenho elementar.
1.ª classe (preparatoria) de costura e córte.
1.ª classe (preparatoria) de rendaria.
- 2.º ANNO. — 2.ª classes (complementares) de desenho elementar, costura e córte e rendaria.
- 3.º ANNO. — 3.ª classe (complementar, 2.ª parte) de desenho elementar e 3.ª (de desenhovimento) de costura e córte e rendaria.
- 4.º ANNO. — 1.ª classe (preparatoria) de desenho ornamental e 4.ª (de aperfeiçoamento) de costura e córte e rendaria.
- 5.º ANNO. — 2.ª classe (complementar) de desenho ornamental, 5.ª classes de costura e córte e rendaria.

Havendo se demittido de directora d'esta escola, como acima dissemos, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta creou, em Lisboa, uma escola de rendas, sob a protecção de S. M. a rainha D. Amelia. Ahí, a illustrada senhora não se deteve, mandou vir rendearas de Peniche, de Setubal, etc. d'esta forma estabeleceu — por assim dizer — o fundo da sua nova escola. Variando os desenhos conseguiu D. Maria Augusta produzir rendas em estylos diversos e característicos portuguezes: o gothico-florido, chamado manuelino, o estylo joanino, estylo d'ornatos pesados mas typicos d'aquella epoca de fausto e luxo. E mais, tambem representou n'esse tecido ligeiro, gracil e mimoso, com uma correcção admiravel, uma especie de desenho que não fóra ainda usado nas rendas — o de figura. Que saibamos, só nos lembra, que em Luiz XIII, appareceram as rendas em que havia o retrato do soberano e cuja execução não era maravilha alguma.

Na exposição de Paris, em 1889, appareceu um leque, em renda Chantilly, exposto pela Companhia das Indias,¹ e, no qual se viam tambem, duas figuras. Este trabalho é manufactura contemporanea.

O característico, que vão tendo as rendas da escola de Lisboa, é um predicado apreciabilissimo mas infelizmente pouco apreciado em Portugal; em 1889 na exposição de Paris, um dos membros do jury — M.^o Ernest Lefebvre, fabricante de rendas e notavel escriptor artistico, auctor do bello livro *Brocderie et dentelles*, disse que, se esse característico fosse conservado garantia uma *renomé* grande ás rendas portuguezas, e que fugissemos de imitar as rendas francezas; todavia o publico, o que mais deseja é o que se assemelha ao estrangeiro.

Na escola de Lisboa ha umas quinze a vinte rendearas, sendo já, só uma de Peniche, as mais rendearas são raparigas de Lisboa, outras d'alguns asylos da capital e que alli aprendem e ganham, como em qualquer outro mister. Vimos creanças, até de cinco annos, e que já alguma cousa faziam, e verdadeiramente o fazer renda é um trabalho mais machinal do que de habilidade; um pique bonito, de bom gosto, e uma rendeira ainda a mais boçal, o interpreta. Ha intelligencia, talento mesmo, quando se constroee — o que é raro — de imaginação, etc.

Em fins de maio, d'este anno, fez a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta uma exposição² das rendas produzidas na sua escola. Viam-se alli trabalhos tão primorosos e ricos que, não houve comprador; contudo, venderam-se muitos lenços, entremeios, etc. Entre as peças expostas, notavam-se um panno de meza, todo de renda, d'um trabalho enorme e d'um desenho original e agradável, uns lenços primorosos e finissimos estylo gothico florido, etc. Como a escola não tem subvenção alguma

do governo, sustenta-se esta, da protecção de Sua Magestade a Rainha D. Amelia e da venda dos seus productos. Actualmente, essa escola tem grandes encomendas, mas d'obras de menor valor. Ha mezas, foram fabricadas alli, além das peças que citámos, da exposição, um formosissimo panno de meza, destinado ao Brazil, e um lindissimo panno para leque, em que, além dos ornamentos graciosos do desenho, se via, no centro, o monogramma do possuidor. Uma das primeiras cousas que se fez na escola, foi um lenço, offerecido a S. M. a Rainha D. Amelia, e cujo trabalho era digno da excelsa pessoa a que se destinava.

A' ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta, tem muita vez dado a entender, que se imitar as rendas estrangeiras, terá maior extracção. Isso no nosso entender, é roubar ás rendas o predicado, que tanto tem custado conseguir a illustre artista que, entre algumas innovações, tem a de dois pontos novos em renda.

N'esta escola não se usa grande numero de bilros, pois que produz complicação, isto obteu-se dividindo o trabalho, ideia que só actualmente é posta em pratica pela ex.^{ma} directora. Assim mesmo, muitas vezes tem-se chegado a ter que trabalhar com trinta duzias de bilros, em rendas que não são susceptiveis de divisão.

Vimos, tambem, n'esta escola, uma outra novidade: uns quatripes de pequena altura, de forma elegante e adaptada a supportarem a almofada da rendeira, de modo que as operarias, aqui, não estão tão encommodadamente sentadas, como as que em Peniche, trabalham em suas cazas, porque, segundo nos consta, as da escola tambem tem uma pequena cadeira, em que se assentam, como acontece na escola de Lisboa.

Ainda, n'esta escola, se admiram ricas collecções de variadas rendas nacionaes e estrangeiras.

Esteves Pereira.

OS MEUS LIVROS

XXV

O *Saio de malha* que nos foi offerecido pelo auctor é um drama historico, em tres actos, que o sr. Sebastião Pereira da Cunha acaba de escrever e publicar.

A acção corre por entre os reinados de D. Sancho II e D. Affonso III, porque é durante o tempo em que os portuguezes se batiam divididos em dois partidos. E no paiz, já não remando D. Sancho II, ainda não era senhor de Portugal o bolognez D. Affonso III.

As figuras principaes que exornam os tres actos do drama são — Ramon Viegas Portocarrero, D. João Egas, o Arcebispo cavalleiro o typo mais imponente da obra historica de Pereira da Cunha, — Aldonça, a donzella meiga e formosa, filha do jugadeiro Martim Peres, a personificação da honra e do amor patrio, — João Annes o bom abbade de S. Jorge de Airó, — e Pero Vaz o besteiro apaixonado por Aldonça e por causa de quem, no seu dizer rude, profanaria *egrejas e atraçoaria a Fé christã*, —

Pero Vaz foi companheiro de infancia de Aldonça, mas a donzella só ama a D. Ramon, irmão do Arcebispo de Braga, que, ferido pelas feras em uma caçada, é recolhido na cabana de Martim Peres e tratado por Aldonça que acaba por amar o joven guerreiro.

Opõem-se aos desejos da donzella a nobreza de Ramon e o fidalgo estar então apaixonado pela rainha D. Mecia, esposa do infeliz rei D. Sancho II.

Pero Vaz desesperado por Aldonça amar D. Ramon, diffama a donzella, dizendo que estava deshonorada.

A donzella pede justiça a D. João, arcebispo de Braga, que então dominava completamente o norte de Portugal, como chefe militar e senhor absoluto.

Então o Arcebispo cavalleiro, sentado em seu throno, rodeado dos capellães episcopaes e muitos homens d'armas, e aos pés um bobo corcunda, ordena a prova de *ferro caldo*.

O arcebispo D. João Egas era senhor absoluto de parte do reino; dirige-se assim aos seus.

*Homens d'armas, aqui! Capellães ao meu lado!
Tudo silencioso, e firme n'este estrado.*

Nem o bobo escapa á sua cólera:

*E tu bruto a meus pés Ai d'aquelle entre vós
Que deante de mim ousar erguer a voz!
Desorelhado e nu, tres dias comerá
Deitado sobre o chão, nas lajes da enxovia!*

Era assim que o valente guerreiro D. João Egas, Arcebispo de Braga tratava a sua córte.

Chega Pero Vaz e produz a accusação; isto é, que Aldonça é amante de D. Ramon irmão do Arcebispo. Este ordena immediatamente a prova do *ferro caldo*.

Era a prova do *Juizo de Deus* como então vulgarmente se dizia. Lembremos sempre que estamos em 1248. Consistia no seguinte a cerimonia.

Noves ferros de arado postos parallelamente uns aos outros, aquecidos ao rubro, e a distancia de cada um pouco mais de meio metro, a penitente tem de passar sobre elles, de ferro a ferro, cingindo contra o peito a imagem de Christo e empunhando na dextra uma vella de cera acêsa.

Acabada a prova, os pés da penitente são envolvidos em pannos de linho que o Arcebispo manda lacrar.

*Filhos em Jesus Christo, ojeelhae comigo
E oremos ao Senhor! É muito grande o p'rgo
Da penitente. Em breve iremos todos ver
O que o Juz Supremo houve por bem fazer
Accusada caminha! Agora, como vês
Falta um momento só. Vou desligar-te os pés.*

Estes factos vêem descriptos nos foraes de Oviêdo, de Avilés e de S. João de Peña, e o Fuero de Cuenca, bye 45 y 46, c. n apud. Marina, Ensayo 1 cit.

Aldonça mostra os pés, rosados, limpos de qualquer signal de queimado. Está ilibada a sua conducta, e, segundo a lei do tempo, ficava com direito de vida ou de morte sobre o seu accusador. Aldonça perdoa a Pero Vaz.

E n'este acto que se conta o episodio do *Saio de malha*.

O pae de D. João Egas fóra preso pelos mouros no ataque de Silves e estes condemnaram-no ao fogo; a filha do Emir de Silves foi quem o salvou e, para fugirem ambos, dá-lhe um saio de malha, bordado por ella propria. Ora de esta moura e do pae do Arcebispo é filho Martim Peres.

D. João Egas, arcebispo de Braga reconhece o saio de malha que lhe apresenta Martim e declarando, perante a córte toda, Aldonça sua sobrinha, consente no casamento com D. Ramon Viegas Portocarreiro. O Arcebispo abençoa-os.

*Que Deus vos abençoe e vos faça ditosos
Filhos meus! Que vos dê na Eternidade os gozos
Celestiaes. Que Deus em tudo vos proteja!
Eu ficarei guardando os interesses da Egreja
E a historia hade chamar-me o Bispo Cavalleiro!
Sancho, descança em paz! Vive Affonso III.*

É rigorosa a parte historica, comquanto o episodio d'aquelles tempos remotos não seja o que mais honre a memoria dos nossos antepassados.

Agradecemos ao illustre fidalgo, o ex.^{mo} sr. Sebastião Pereira da Cunha a lembrança, com que nos honrou, de nos mandar o *Saio de malha* que é obra de seguro valor historico e litterario.

Pereira da Cunha, segundo nos dizem está trabalhando em uma nova obra que terá o titulo — *A cidade vermelha* — o illustre poeta foi a Granada onde se passa a acção do novo drama.

Esperámo-lo anciosamente.

Manuel Barrajas.



REVISTA POLITICA

As ferias, que a estação calmosa trouxe á politica portugueza, continuam sem novidade maior, na mais completa calmaria desde a Arcada até S. Bento, procurando-se debalde qualquer noticia que dê mote para artigos de politiquice, nos varios jornaes que se dedicam á especialidade.

Por desfastio fallam alguns jornaes dos credores estrangeiros que não concordam com o que o governo portuguez resolveu sobre o pagamento dos juros da divida externa, o referem-se tambem á forma porque em Londres e em Paris, os mesmos credores tem recebido os juros resalvando os seus direitos sobre o resto.

A este respeito alguns jornaes governamentais deram umas explicações, declarando que o governo não tinha auctorisado os certificados, ou coisa que o valha, garantindo a differença que os credores recebem agora a menos, mas essas explicações não explicam coisa nenhuma, e fica-se na mesma sem se saber ao certo o que poderá surdir de futuro.

Verdade seja que os nossos governos nunca se tem preocupado muito com o futuro, e portanto não ha que estranhar,

¹ A *Companhia das Indias*, não se tem limitado á simples importação das tapeçarias e bordados indianos, mas sim, tem feito progredir na Belgica e na França a industria das rendas. Este leque, que citamos, era como que um modelo das rendas francezas; e, como amostra das rendas belgas, expoz a Companhia, um mimoso lenço, fabricado em Alençon e cujo desenho, que era lindissimo representava açafates e festões de flores.

² Teve logar na casa Barreira, largo do Real Theatro de S. Carlos, Lisboa.

Quem vier atraz que feche a porta, tem sido a theoria seguida, e com tanta insistencia, que a porta tem chegado a ponto de não se poder fechar por mais esforços que se feçam.

Que o actual governo resolveu a questão dos credores estrangeiros, da melhor forma que se podia esperar, é fora de duvida, mas se a solução que deu a este negocio está sufficientemente garantida para que não traga encargos ainda mais pesados n'uma epoca mais ou menos remota, só o futuro o dirá, porque nem, talvez, o proprio governo o poderá afirmar.

Por agora o negocio parece arrumado, e as reclamações de alguns credores a que se tem referido a imprensa, são de alguns mais descontentes, que não se querendo sujeitar á redução nos juros procuram protestar e fazer bulha a bem dos seus interesses segundo melhor lhes parece.

O demonio são os taes certificados, que podem muito bem vir a ser uma segunda edição dos titulos de D. Miguel, os quaes, pelo que se diz, promettem uma nova edição, que está no prelo.

No entanto ainda se está á espera do resultado do inquerito votado no parlamento, e do qual nunca mais se fallou.

cem mil réis em um só recibo paga apenas vinte réis.

Por esta amostra se vê quanto esta lei vae onerar o pequeno commercio e favorecer o grande. A crise do trabalho é tambem outro facto que está preocupando a cidade onde se encontram algumas centenas de operarios sem trabalho, sem que o governo tenha recursos para lhes dar que fazer.

Por este motivo volta a sopa economica, que é um paleativo para a doença, que não cura o mal e que tem o perigo de desmoralisar o trabalhador.

Mas para que nem tudo seja mau, chega-nos pelo ultimo paquete d'Africa a grata noticia da descoberta de grandes minas de ouro no districto de Mossamedes.

Uma folha d'aquella localidade refere-se a essas minas, revelando tambem o receio de que os estrangeiros se apossessem d'ellas, especialmente os inglezes se o governo não cuidar prompta e seriamente dos interesses d'aquelle districto.

Tambem somos da mesma opinião e bom será que as taes minas não venham a ser corda para nos enfocarmos.

João Verdades.

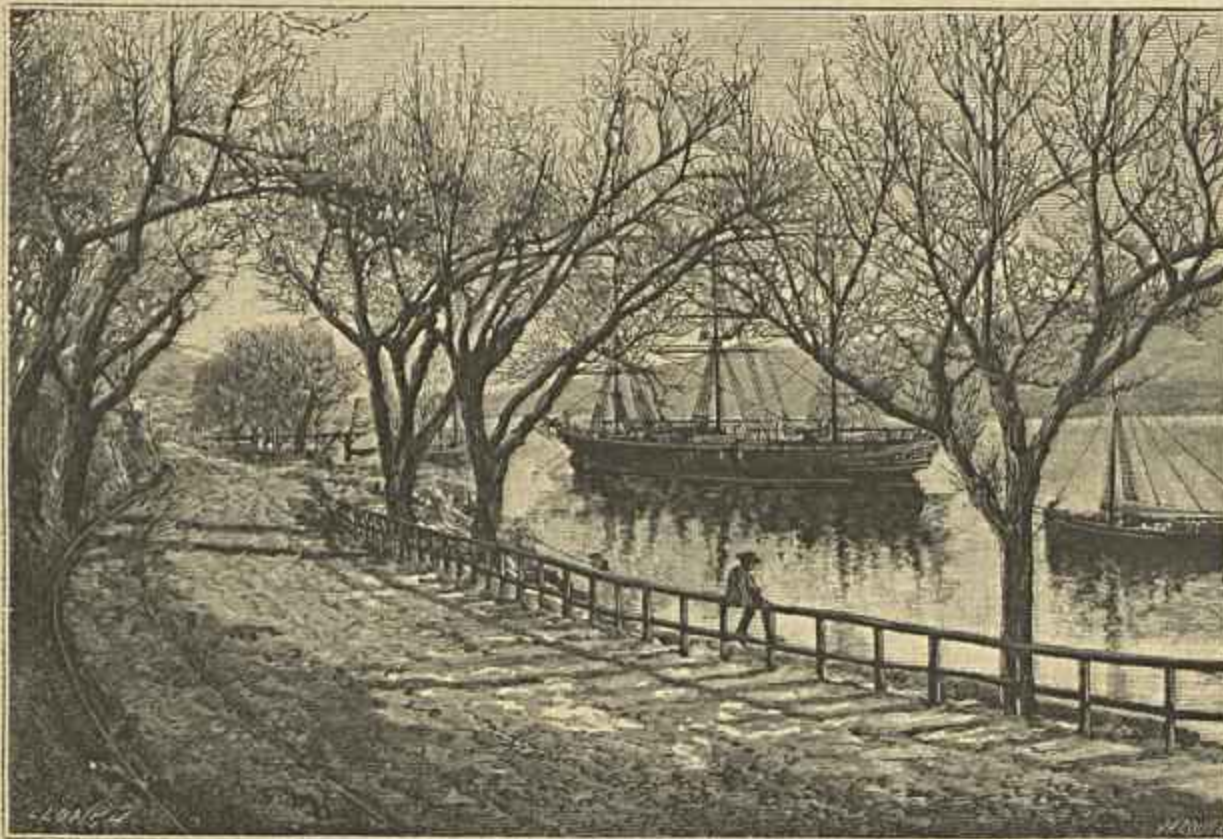
ções de pensamentos são dignas do fim moral e civilizador a que o auctor as destina, são mais que um livro vulgar, são pequenos evangelhos, são o escol da sabedoria dos séculos.

Assim, appareceram as collecções de Salomão que excedeu Cleobulo e Phocylides, entre os gregos; Syro, entre os romanos, e até Aristoteles foi mui accusado por não ter feito collecção alguma.

Actualmente, nos paizes mais civilizados não se tem esquecido este meio de distribuir luz e melhorar os costumes. Foi, pois, inspirado n'estes são exemplos, que o illustrado pensador Scipião Ferreira publicou este seu bello trabalho.

Lettere di A. de Brito e di P. Centurione ed appunti archivistici. Comunicati alla Società Geografica Italiana, por Prospero Peragallo. Roma, Presso la Società Geografica Italiana — 1892

Por brinde do illustre auctor, recebemos este tão apreciavel folheto, extracto do boletim da Sociedade de Geographia de Italia. É curiosissima esta carta, com que Antonio de Brito descreve e dá conta a D. João III da viagem que fizeram os castelhanos até chegarem a Maluco o que n'ella lhes succedeu, e o que elle executara, pedindo



MARGENS DO DOURO — CAMINHO DA FOZ
(Copia de uma photographia)

Agora no que mais se tem fallado é no augmento da contribuição industrial e lei do sello, o que já permittiu uma sessão um tanto jacobina na Associação Commercial de Lisboa para representar ao governo contra uma e outra coisa.

Uma Comissão da Associação Commercial de Lisboa procurou ha dias o sr. presidente do conselho com o qual teve uma larga conferencia, affm de vêr se podia ser sustada a execução da lei do sello e a da contribuição industrial, mas nem uma nem outra coisa conseguim, como era de esperar, porque não está na alçada do governo suspender leis que foram votadas pelo parlamento, e o sr. Hintz Ribeiro, fundado n'estes principios respondeu á comissão que nada podia fazer, o que emfim, não impedia a Associação Commercial de Lisboa de se dirigir ao parlamento quando se abriu em janeiro, pois que a nova lei da contribuição industrial só principiaria a vigurar para março do anno que vem.

Entretanto a lei do sello já está em vigor e uma das novidades que traz é a de exigir um sello de vinte réis em recibos de mil réis exactamente o mesmo sello que exige n'um recibo de cem mil réis.

Se considerarmos que um commerciante tem que passar cem recibos de mil réis para cobrar de diversos individuos, terá que pagar dois mil réis de sello, enquanto que aquelle que receber



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Vida (reflexões) por Scipião Ferreira. Lisboa, typ. da Empresa editora «O Recreio» 1893.

É este livro uma compilação de maximas, e não só uma simples compilação, mas sim essas maximas depuradas e melhor expressas. Algumas são, para nos, completamente novas, n'ellas se revela o talento com que o auctor estudou e deduziu os seus preceitos assaz amadurecidos e aperfeiçoados pela meditação sobre as observações feitas. Um livro, como este, é um manual apreciavel que cada um — á maneira de uma mina — pode explorar e que á todos pode enriquecer. Para aquelles a quem as longas leituras são difficeis acham aqui a unica que lhes convem, e os que gostam de lêr pouco, e reflectir muito encontram ali os summaries dos mais apropriados capitulos que se podem offerer como thema ás locubrações reflexivas d'esses mesmos leitores, pois que, as maximas são como os numeros: comprehendem grandes valores em poucos algarismos; e, quando essas collec-

ao dito senhor remuneração dos seus serviços. Acompanha o livrinho uma muito lisongeira dedicatória.

Calendario Rural por A. Thomaz Pires. Dictados relativos aos mezes comprados com os dictados similares de varios paizes romanicos. Elvas, Typographia Progresso. 1893.

É este o exemplar n.º 212 do tercelro volume da collecção *Correio Elvense*. É muito curioso este livrinho, dos seus dictados respectivos escolliemos um que bem podemos hoje contestar:

«Agosto, frio no rôsto.»

Emfim, o folheto lê-se com agrado.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1894

Já entraram no prelo as primeiras folhas d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na

Empresa do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, M. desta & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 29